

FATORES E PRESSÕES SOCIAIS INERENTES À CONSTITUIÇÃO DE UMA FIGURAÇÃO DE TORCEDORES DURANTE O “MATCH DO SÉCULO” EM 1972 – ALGUMAS NOTAS E DIGRESSÕES SOCIOLÓGICAS

FACTORS AND SOCIAL PRESSURES ATTACHED TO THE CONSTITUTION OF A CROWD FIGURATION DURING THE “MATCH OF THE CENTURY” IN 1972 – SOME NOTES AND SOCIOLOGICAL TOURS

Juliano de Souza*
Fernando Renato Cavichioli**
Wanderley Marchi Júnior**

RESUMO

Nosso objetivo, no presente artigo, consistiu em identificar e problematizar sociologicamente alguns dos possíveis fatores e pressões sociais inerentes à constituição da figuração social de torcedores da cidade de Reykjavik, capital da Islândia, para acompanhar objetivamente a final do campeonato mundial de xadrez de 1972, a qual foi protagonizada pelo enxadrista soviético Boris Spassky e pelo enxadrista norte-americano Robert James Fischer, em pleno contexto da Guerra Fria. Para subsidiar a discussão aqui fomentada, buscamos, primeiramente, resgatar algumas imagens de espectadores durante o “*match do século*” e, em seguida, realizar uma leitura sociológica do cenário social nelas retratado, à luz de algumas contribuições teóricas de autores consagrados da sociologia que reservaram um espaço significativo para a discussão do fenômeno esportivo em suas obras.

Palavras-chave: Xadrez. “*Match do Século*”. Torcedores. Sociologia. Esporte.

INTRODUÇÃO

Entre as datas de 11 de julho a 1º de setembro de 1972, realizou-se em Reykjavik – capital da Islândia – uma das mais emocionantes finais de campeonato mundial de xadrez. Em pleno palco conjuntural marcado pelo tenso clima político-ideológico da Guerra Fria, puseram-se diante do tabuleiro dois enxadristas que protagonizaram, num universo menor, o embate constituído entre soviéticos e norte-americanos no campo das relações internacionais (KASPAROV, 2006). De um lado, representando a União Soviética, estava Boris Vasilievich Spassky, detentor do até então último título mundial, disputado em 1969, e do outro, defendendo os Estados Unidos, estava Robert James Fischer, desafiante do *match*.

Após derrotar, respectivamente, no torneio de candidatos em 1971, o pianista soviético Mark Taimanov por 6 a 0, o dinamarquês Bent Larsen por 6 a 0 e Tigran Petrosian - que por

sinal também era soviético -, por 6,5 a 2,5, Fischer ganhou o direito de disputar a grande final contra Spassky (BJELICA, 1992, p. 70-71). Para manter o título mundial e acumular a segunda conquista Spassky precisava obter no mínimo um empate no *match*, enquanto Fischer, para se consagrar campeão, necessitava vencer o *match*.

O confronto terminou com a vitória do norte-americano por 12,5 a 8,5 (sete vitórias, três derrotas e onze empates), colocando fim a uma hegemonia soviética de 24 anos (GONZÁLEZ, 1972). A série de 21 partidas realizadas entre os dois jogadores em 1972 pela disputa do título mundial foi divulgada e ficou conhecida como o “*match do século*”. Cabe lembrar que o referido confronto obteve uma singular repercussão tanto no meio enxadrístico quanto na sociedade mais ampla, graças à atenção especial que foi dada ao *match* pela imprensa e, também, ao caráter mimético da guerra entre os Estados Unidos e a União Soviética diante do tabuleiro de xadrez.

* Mestre. Doutorando em Educação Física pela Universidade Federal do Paraná.

** Doutor. Professor do Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Paraná.

Ante esse quadro estrutural sumariamente exposto, identificamos a possibilidade de estudar o “*match* do século” de 1972 na condição daquilo que o sociólogo alemão Norbert Elias chamou de “figuração”, ou melhor, “configuração”. Essa opção teórico-metodológica, por sua vez, teve o intuito de superar análises fragmentárias que abordam indivíduo e sociedade como polaridades desconexas. Vale notar que foi justamente para superar essa dicotomia que Elias elaborou o próprio conceito de configuração. Para o autor,

A rede de interdependências entre os seres humanos é o que os liga. Elas formam o nexos do que é aqui chamado configuração, ou seja, uma estrutura de pessoas mutuamente orientadas e dependentes. Uma vez que as pessoas são mais ou menos dependentes entre si, inicialmente por ação da natureza e mais tarde através da aprendizagem social, da educação, socialização e necessidades recíprocas socialmente geradas, elas existem, poderíamos nos arriscar a dizer, apenas como pluralidades, apenas como configurações (ELIAS, 1994a, p. 249).

Para avançar na compreensão do universo empírico delimitado sem encarar o indivíduo e a sociedade como esferas antagônicas, mas, pelo contrário, como pares interligados, processuais e em constante desenvolvimento e transformação, foi que optamos por adotar esse referencial teórico-metodológico para contextualizar as relações identificadas e estruturadas a partir do raio de ação social dos respectivos agentes e estruturas: os jogadores, as federações soviética, norte-americana e islandesa de xadrez, a Federação Internacional de Xadrez (FIDE), a arbitragem, os torcedores, os patrocinadores e a mídia.

Dado o curto espaço de discussão reservado para um artigo, realizamos um recorte metodológico nesse campo emaranhado de relações possíveis estabelecidas entre os referidos agentes e as estruturas, de modo a concentrarmos nossos esforços, pelo menos nesta oportunidade, na figuração composta pelos torcedores ou, caso se prefira, espectadores ou consumidores do espetáculo envolvidos *in loco* na final do campeonato mundial de xadrez de 1972. Assim, nesse particular, nosso objetivo

consiste em identificar e problematizar sociologicamente alguns dos possíveis fatores e pressões sociais inerentes à constituição de uma figuração social de torcedores na cidade de Reykjavik, para acompanhar objetivamente a referida final de campeonato mundial de xadrez, protagonizada pelo enxadrista soviético e pelo enxadrista norte-americano.

Para subsidiar a descrição e discussão aqui fomentada resolvemos partir de uma abordagem de cunho iconográfico, de modo a, num primeiro momento, resgatarmos imagens de espectadores envolvidos diretamente no “*match* do século” e, em seguida, identificarmos, no cenário social retratado nessas fotografias, o elemento da distinção e da diferenciação entre os agentes no espaço das tomadas de posições, conforme sugerido pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu na introdução do livro “*Un arte médio: ensayos sobre los usos sociales de la fotografía*” (2003a). Além disso, consideramos também a singularidade dos papéis sociais investidos na figura de cada um dos agentes fotografados, o que, de certo modo, traçou algumas pistas sobre a distribuição potencial de poder naquela configuração.

Sobre o trabalho empírico realizado, devemos alertar que, de fato, nós nos preocupamos em reunir o maior número possível de materiais históricos; entretanto, para essa discussão específica nos concentramos mais precisamente no tratamento de algumas imagens referentes ao envolvimento dos torcedores durante o “*match* do século”. Essas imagens, por sua vez, foram retiradas da edição especial da revista espanhola de xadrez *Jaque*, editada pelo enxadrista e jornalista espanhol Jose Maria González. Esta é uma das principais revistas enxadrísticas de circulação mundial, e lançou esse número específico sobre o “*match* do século” um mês após o término do confronto. Devemos também notar que, durante a realização desse trabalho empírico, o que norteou todo o nosso argumento foi exatamente a constatação de que os materiais produzidos pelos mais distintos produtores culturais sobre o “*match* do século” não foram apenas um registro subjetivo do que eles tiveram a oportunidade de vivenciar ou acompanhar, mas, ao invés disso, constituíram parte importante e imprescindível para o

estabelecimento de um momento diferenciado tanto na oferta quanto no consumo enxadrístico pelo mundo.

Para auxiliar-nos no tratamento sociológico e na leitura da realidade empírica constitutiva da problemática sobre a qual resolvemos nos debruçar, buscamos suporte e fundamentação teórica nas contribuições de Veblen, Adorno e Horkheimer, Bourdieu e, notavelmente, em Elias e Dunning. Em Veblen vislumbramos uma explicação pautada na teoria da classe ociosa, mais especificamente, nos seus constructos teóricos sobre o consumo conspícuo. Em Adorno e Horkheimer procuramos contextualizar os torcedores como envolvidos pela indústria cultural. Em Bourdieu tentamos compreender essas relações sob o crivo da economia dos gostos e da distinção social. Finalmente em Elias e Dunning visamos entender essa conjuntura a partir da teoria das emoções, considerando as representações miméticas e as necessidades psicossociais dos indivíduos.

VEBLEN E O CONSUMO CONSPÍCUO

No ano de 1899, Thorstein Veblen publicou a primeira edição de seu livro “A teoria da classe ociosa”, que, posteriormente, acabou se tornando um clássico das ciências humanas e sociais. Embora Veblen fosse um economista e na referida obra visasse, especificamente, realizar um estudo econômico das instituições, contribuiu com muitas entradas de discussão para serem pensadas as regras de consumo emergentes com o padrão de vida pecuniário e, de maneira mais decisiva, o tempo de lazer.

Na compreensão de Veblen, o padrão de vida pecuniário é resultado, ao mesmo tempo, do surgimento da classe ociosa e da consolidação da propriedade privada. Por sua vez, o aparecimento da classe ociosa não pode ser estudado separadamente do surgimento de uma classe trabalhadora. Para Veblen, a ascendência dessas duas instituições é cativa do mesmo processo social. Além disso, o fulcro dessa divisão entre a instituição ociosa e a instituição trabalhadora remonta aos primeiros estágios do barbarismo, quando havia distinção entre o trabalho feminino e o masculino - distinção que, com o passar do tempo e o advento de sociedades mais avançadas, começou a ceder

lugar a uma divisão social do trabalho e a uma fixação desproporcional da propriedade.

Segundo Veblen (1965), a classe trabalhadora encontra no trabalho a sua principal fonte de emulação, ao passo que a classe ociosa supre essa necessidade com o envolvimento em atividades de lazer e através do consumo conspícuo. Podemos citar, nesse sentido, as práticas esportivas, a participação em festividades e eventos chiques, a frequência a lugares de prestígio, a obtenção de objetos raros e distintos, investimento na moda, no mobiliário, nas boas maneiras, no decoro, no domínio das línguas mortas, etc., fatores que conferem *status* e ostentação à classe ociosa.

Essa retomada nos sugere, de forma mais específica, que, muito mais que acumular riquezas para ser reconhecida, a classe ociosa necessita assinalar, reafirmar e justificar sua posição através de signos e atividades prestigiosas, ou seja, através da materialização de um estilo de vida condizente com suas posses e possibilidades. Sobre essa condição, Veblen (1965, p. 48) enfatiza: “Para obter e conservar a consideração alheia não é bastante que o homem tenha simplesmente riqueza ou poder. É preciso que ele patenteie tal riqueza ou poder aos olhos de todos, porque sem prova patente não lhe dão os outros tal consideração”.

Não obstante, cumpre ressaltarmos que essa estratégia de “patenteiar a riqueza aos olhos dos outros” tem mais eficácia simbólica quando perspectivada no interior da própria classe ociosa. Talvez isso se deva a que riqueza em si já basta para distinguir a classe ociosa da classe trabalhadora, na medida em que, numa luta entre frações de classe ociosa, a materialização visual da riqueza, além de ser prazerosa, caracteriza-se como o principal mecanismo de emulação e demarcação social no interior da classe.

Na tentativa de aproximar esses conceitos para pensarmos um primeiro fator capaz, talvez, de explicar a construção de uma rede de interdependência social (leia-se figuração) entre torcedores durante o “*match* do século”, sentimos a necessidade de recorrer, de imediato, às seguintes imagens, num exercício de inteligibilidade pautado na articulação entre a figuração social evidenciada na composição fotográfica e as referidas contribuições teóricas de Veblen aqui introduzidas. Vejamos:



Imagem 1 - (GONZÁLEZ, 1972, p. 79)

Ambas as imagens se referem ao cerimonial de abertura do “*match do século*”, realizada no dia 1º de julho, às 20 horas, no Teatro Nacional de Reykjavik. A Imagem 1 retrata o momento da fala do ministro de educação da Islândia. Muito próximo ao palco se situa um potencial público de espectadores/torcedores, trajados rigorosamente para aquela ocasião. Na lateral interna do teatro, em uma espécie de camarote (lugar distintivo), acomodam-se o senhor Kristjan Eldjarn, presidente da Islândia, e a primeira-dama. Já, a Imagem 2 fornece uma visão mais delimitada da plateia. Na primeira fila temos a figura do enxadrista soviético Boris Spassky (o primeiro de baixo para cima) e do embaixador soviético Rergei T. Astavin (ao lado de Spassky).

Segundo Jose Maria González (1972), tais imagens elucidam de forma bastante clara a presença da alta sociedade islandesa no cerimonial de abertura do “*match do século*”. Diante dessa conjuntura inferida pelo autor, algumas questões imediatamente nos ocorrem: Quais os interesses das classes economicamente mais privilegiadas da sociedade islandesa em se fazer presente naquele evento e, em especial, no cerimonial de abertura? Seria o fato de os islandeses serem aficionados pelo xadrez? Ou então, esses indivíduos teriam sido motivados pelo prazer em participar de um evento de tamanha singularidade e repercussão no mundo esportivo?

Obviamente, seria arriscado responder a tais indagações em uma única e específica direção. Pelo contrário, acreditamos que vários fatores e pressões sociais foram decisivos para que se estabelecesse uma rede de interdependência entre torcedores durante o “*match do século*” de



Imagem 2 - (GONZÁLEZ, 1972, p. 80)

1972. Um desses fatores - que, inclusive, mantém coerência com a realidade social que pudemos verificar nessas fotografias - seria a necessidade de os grupos ou indivíduos pertencentes aos estratos mais privilegiados da sociedade islandesa angariarem prestígio para si, já que cada membro da classe ociosa, quando se depara com essas situações esportivas ou festivas, procura, segundo Veblen (1965), marcar constantemente sua posição no cenário social segundo critérios objetivos de demarcação sempre mais visíveis e notórios. Eis aí o que Veblen, em seu modo de encarar a sociedade, concebe como mesquinha da vida social – uma vida de fingimento altamente regulada pelos padrões pecuniários do gosto, do consumo e do envolvimento nas atividades de lazer.

ADORNO E A INDÚSTRIA CULTURAL

Theodor Adorno foi um leitor acurado de Veblen, e procurava não somente afirmar a crítica deste autor ao padrão de vida pecuniário e ao consumo conspicuo da sociedade, mas complementar e ampliar esses conceitos. Esse projeto foi concretizado por Adorno em parceria com Horkheimer em 1947, quando sistematizaram o conceito de indústria cultural, que, de certo modo, contemplava e atendia àquelas dimensões críticas inicialmente apontadas por Veblen em “A teoria da classe ociosa”.

A indústria cultural, para Adorno e Horkheimer, não é uma entidade física, mas uma noção que permite contextualizar crítica e ironicamente a circulação dos bens culturais e a conversão da cultura em mercadoria. Outro

aspecto central é que a indústria cultural tem potencialidade tanto para produzir o produto quanto para criar a necessidade de consumi-lo, o que nos sugere que a própria cultura, na visão dos autores, seria reproduzida segundo os princípios de comercialização de bens e produtos no mercado capitalista.

No que se refere ao esporte e lazer, o conceito de indústria cultural nos permite pensar essas práticas como elementos constituintes do processo que essa própria indústria engendra na sociedade. A principal crítica em relação ao esporte feita por esses autores da chamada primeira geração da Escola de Frankfurt, consiste naquilo que entendem por massificação e mercadorização das práticas esportivas – processos que visam primeiramente homogeneizar para, em seguida, nivelar e alienar intelectualmente os indivíduos, sejam eles praticantes ou espectadores. Dito de maneira mais incisiva, nas palavras do historiador Ademir Gebara, isto significa que “[...] a indústria cultural que, preliminarmente, é definida como um sistema uniforme no todo e nas partes, é um sistema universal, controlando o esporte e o lazer especialmente quando estes são mercantilizados, e induzindo à obediência em massa de maneira não crítica” (GEBARA, 2002, p. 4).

Decorre dessa leitura o entendimento de que a indústria cultural, enquanto sistema organizacional do tempo e do consumo na sociedade capitalista, muito bem se vale da suposta predisposição do esporte a integrar as massas em um mesmo conjunto de signos, regras



Imagem 3 - (GONZÁLEZ, 1972, p. 94)

A Imagem 3 retrata um grupo de espectadores acompanhando, ao vivo, diante de um tabuleiro (um mural que foi projetado em vídeo e não aparece na imagem) a partida de abertura do *match* realizada em 11 de julho

e esquemas que, na visão de Adorno e Horkheimer, refletem os valores imediatistas do capitalismo e se distinguem pelo baixo esforço intelectual que suscitam nos agentes.

Outro ponto de extrema importância a ser recuperado das análises de Adorno e Horkheimer é que esses autores, de forma preliminar, já denunciam uma divisão entre prática de esporte e consumo esportivo, sendo esta última categoria, na visão dos autores, a mais inclinada a alienar os indivíduos. Vejamos isso em seus próprios termos:

O espectador não deve ter necessidade de nenhum pensamento próprio, o produto prescreve toda reação: não por sua estrutura temática – que desmorona na medida em que exige o pensamento – mas através de sinais. Toda ligação lógica que pressuponha um esforço intelectual é escrupulosamente evitada. Os desenvolvimentos devem resultar tanto quanto possível da situação imediatamente anterior, e não da idéia do todo (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 128-129).

Esse tom crítico e pessimista evidenciado na fala dos referidos autores pode ser revertido para pensarmos o comportamento do público em Reykjavik durante o período de realização da final do campeonato mundial de xadrez disputada entre Spassky e Fischer em 1972. Observemos algumas imagens nesse sentido:



Imagem 4 - (GONZÁLEZ, 1972, p. 125)

de 1972. A Imagem 4, por sua vez, diz respeito a uma aglomeração de fãs e torcedores cercando o carro que levaria Fischer (em destaque na foto) para seu hotel em 20 de julho de 1972, logo após ele ter derrotado Spassky

na quinta rodada e, assim, igualado o *match* em 2,5 a 2,5.

Pelo conteúdo dessas imagens, percebe-se que é um exercício, no mínimo, interessante, considerá-las segundo o viés crítico sustentado em Adorno e Horkheimer. Para entender, por exemplo, a situação social em que se retrata a conglomeração do público junto a Bobby Fischer, faz-se pertinente recuperar o conceito de alienação trabalhado pelos autores. Dessa forma, mantendo fidelidade a essa perspectiva crítica, é possível supormos que a figuração de torcedores entusiastas identificada nas referidas imagens foi constituída como um processo imbricado à indústria cultural, cada vez mais presente na sociedade capitalista.

Por outro lado, embora esse consumo massificado seja um indício de alienação, não podemos esquecer que os espectadores de torneios e campeonatos de xadrez constituem um público que é intelectualmente privilegiado e tem acesso aos difíceis códigos de interpretação e leitura do jogo, o que, de antemão, talvez justifique seu interesse pelo jogo, pelo “*match* do século”, pela pessoa de Bobby Fischer. Dito de outro modo, raramente alguma pessoa que não saiba jogar xadrez irá se interessar por xadrez, embora no contexto histórico-social do “*match* do século” haja o imperativo do confronto entre Estados Unidos e União Soviética transportado simbolicamente para aquele microcosmo.

Feitas essas considerações, passemos agora a interpretações sociológicas que não desconsideram a dinamicidade dos agentes diante das estruturas sociais, em função de os indivíduos gostarem de determinadas práticas, seja porque elas lhes conferem certa diferenciação *quo* na sociedade, seja porque eles sentem prazer ou emoção enquanto se envolvem como praticantes ou espectadores de tais práticas.

BOURDIEU E OS LUCROS DE DISTINÇÃO

Uma das principais contribuições oferecidas pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu em seu conjunto de textos destinados à compreensão do fenômeno esportivo (BOURDIEU, 1983b; BOURDIEU, 1990; BOURDIEU, 2007b) é a estruturação de um quadro de análise que nos permite compreender devidamente a distribuição

e orientação dos consumos e das práticas esportivas na sociedade. Para isso o sociólogo nos apresenta basicamente uma economia cultural dos bens esportivos pautado na relação entre, de um lado, a oferta (bens esportivos oferecidos aos agentes sob a forma de práticas e consumos), e de outro, a demanda – orientada pelo gosto e pelas transformações nos estilos de vida.

Ao pensar as formas como se apresentam os consumos e as práticas esportivas, Bourdieu procura estabelecer um paralelo imediato com as posições sociais. Segundo o autor (1983b, p. 143), à medida que se desce na hierarquia social, a probabilidade de um agente praticar esporte depois da adolescência, isto é, quando adulto ou idoso, diminui nitidamente; já quanto à possibilidade de assistir aos espetáculos esportivos mais populares, essa decresce à medida que os agentes sobem na hierarquia social.

De acordo com Bourdieu (1983b, 1990), foi a partir desses critérios estruturantes, pautados no divórcio entre a prática e o consumo dos bens culturais, que se reuniram algumas das condições sociais necessárias para a formação de um campo esportivo substanciado pela tônica da dicotomia entre esporte-prática e esporte-espetáculo, entre esporte de elite e esporte de massa. Não obstante, outras oposições também se vinculam a este campo, como as que seguem reiteradas: amadorismo contra o profissionalismo, esporte de lazer *versus* esporte de competição, esportes de contato direto contra esportes à distância, esportes que requerem maior atividade intelectual e menor dispêndio físico *versus* esportes que solicitam maior uso da força e menor capacidade de reflexão - e os exemplos se multiplicam.

Sinteticamente falando-se, o esporte é tratado na sociologia *bourdieusiana* como um estilo de vida distintivo e complacente com a lógica das posições sociais, isto é, como um campo onde estão em jogo as próprias definições legítimas da prática esportiva e dos usos diferenciados possíveis de fazer do corpo nos esportes. Além disso, é nesse mesmo espaço social configurado que se definem os gostos dos agentes, através de uma alquimia das classificações imanente ao jogo, e que, muito mais que indicar que “o motor de todas as condutas humanas seria a busca da distinção” - o

que “não seria nenhuma novidade se pensarmos, por exemplo, em Veblen e em seu “*consumo conspícuo*” (BOURDIEU, 2007b, p. 22-23), demonstra que existir em um espaço é diferir; é ser diferente; é ser classificado e, ao mesmo tempo, classificante.

Essa capacidade de percepção, apreciação, enfim, de escolha de práticas, equivale a ter o sentido do jogo (*habitus*) impresso, tatuado no corpo, ou seja, incorporado nas formas de determinado agente agir, encarar e se situar no espaço social. O gosto, então, enquanto conjunto de práticas e de propriedades de uma pessoa ou grupo, funciona como “[...] operador prático da transmutação das coisas em sinais distintos e distintivos [...]” (BOURDIEU, 2007a, p. 166), possibilitando que as diferenças de ordem material se convertam em diferenças de ordem simbólica, e vice-versa.

O esporte é uma dessas práticas classificadas, classificantes e classificadoras, como também o são os próprios eventos esportivos; definem posições distintivas a serem antecipadas por agentes dotados do senso de percepção e apreciação requisitado. Isso se deve, essencialmente, ao fato de que o esporte (inclua-se aqui a oferta dos eventos esportivos, como, por exemplo, o cerimonial de abertura do “*match do século*” ou as partidas correspondentes) é uma prática objetivamente classificada e com potencialidade para se converter em prática classificadora, isto é, de se tornar um lucro e uma expressão simbólica da condição de classe.

Deste modo, não seria equivocado dizer que as diferentes posições ocupadas pelos agentes no espaço social correspondem a estilos de vida mais ou menos ajustados, e, além disso, que os gostos de classe são a conseqüente incorporação da estrutura do espaço social através da experiência *doxica* desses mesmos agentes em uma região determinada do referido espaço (ORTIZ, 2003).

Destarte, e na definição dos estilos de vida, ou melhor, na “*estilização da vida*”, que residem as variações que balizam os gostos. Por sua vez, o gosto pode se exprimir de duas formas complementares: contemplando as exigências impostas pela necessidade dos agentes e grupos ou servindo como estratégia cuja expectativa é suprir o estilo de vida distintivo condizente com

as posições ocupadas. Dessas impressões derivam, sucessivamente, dois conceitos-chaves desenvolvidos por Bourdieu no livro “*A distinção*”: consumo cultural distinto e consumo cultural vulgar.

No primeiro caso, o consumo é entendido exatamente pela raridade e distinção social que engendra; já no segundo, a banalidade e o fácil acesso ao produto representam o código de vulgaridade investido no jogo. Assim, o consumo distinto pressupõe um acúmulo razoável de capital econômico e cultural, ao passo que o consumo vulgar, geralmente, dispensa essas condições (BOURDIEU, 2003c).

Não obstante, seria muito equivocados pensar o funcionamento desses polos de maneira mecânica e determinista, pois isso camuflaria a existência de uma posição intermediária. Para Bourdieu (2007a, p. 167), esse projeto não é válido, já que entre o consumo distinto e o vulgar existem zonas intermediárias povoadas por práticas pretensiosas e pela discordância dos agentes. Some-se a essa análise que a construção do gosto, para Bourdieu, não se processa de forma friamente calculista, mas sim, por vias pré-reflexivas e opacas, imprimindo nos corpos dos indivíduos modos de “*ser*”, “*estar*” e se “*comportar*” no mundo que são extremamente complacentes e condizentes com a estrutura de classe. Dito de outro modo, as relações estabelecidas entre a formação do gosto e a situação de classe correspondem àquilo que Bourdieu está pleiteando com sua noção de *habitus*.

Para o autor francês, o *habitus* se revela como um produto da história, isto é, “*produz práticas individuais e coletivas, produz história em conformidade com os esquemas engendrados pela história*” (BOURDIEU, 2003b, p. 68). Além disso, o *habitus* funciona como um sistema de classificação e organização da ação, como uma espécie de força que mantém e sustenta determinada ordem social. Justamente por isto é que o *habitus* se apresenta e se distingue enquanto princípio unificador e gerador de todas as práticas. Como sistemas de disposições duráveis e incorporados pelos agentes, os *habitus* tendem a reproduzir a estrutura objetiva de que são produto (BOURDIEU, 2003b).

É exatamente aí, nesse ponto de articulação com o *habitus*, que o gosto de classe se revela como uma categoria dinâmica e decisiva para

avaliarmos, por exemplo, os padrões de comportamento exteriorizados na figuração de torcedores tomada nas quatro fotografias a que anteriormente nos referimos, visto que os agentes sociais, conforme bem adverte Bourdieu (2007a; 2007b), não incorporam pacificamente e de forma invariável e repetitiva as referências estruturais de determinado *locus* social. Neste sentido, sua perspectiva teórica nos possibilita recuperar a dinamicidade dos agentes dissolvida na abordagem de Adorno e Horkheimer, que preferem pensar em termos de “alienação”; já em relação à Veblen, a abordagem de Bourdieu permite-nos escapar do racionalismo desmedido com que esse autor se reporta aos indivíduos e classes a partir da categoria de consumo conspícuo.

Em conformidade com a proposta analítica de Bourdieu, podemos dizer, então, que as tomadas de posição dos agentes (a forma como se colocaram diante das situações) nas quatro fotografias também foram constituídas pela lógica de formação irrefletida do gosto. Neste caso, o envolvimento daqueles grupos sociais de espectadores/torcedores no “*match* do século”, o qual abrange e compreende desde o cerimonial de abertura até a definição do confronto na 21ª partida, pode ser interpretado como uma prática balizada pelo gosto de classe digerido como consumo distintivo, isto é, como um consumo que atrai para os agentes vantagens não necessariamente calculistas e racionais. Por outro lado, não podemos descartar a possibilidade de constituição de um gosto no sentido transclassista, ou seja, um gosto mais relacionado às necessidades psicossociais dos indivíduos do que, propriamente, ao acúmulo de capital social, cultural ou simbólico.

Outro ponto importante a retomarmos em continuidade à análise empreendida é que o sistema de diferenciação social constituído entre e pelos agentes que acompanharam o “*match* do século” se idealizou tanto pela ótica do consumo cultural distinto quanto pela do consumo cultural vulgar. É preciso ficar claro que, embora ambas as cenas sociais trazidas em cada uma das fotografias apresentadas sejam partes constitutivas de uma configuração mais ampla, reunida, durante aproximadamente dois meses, em torno de um evento enxadrístico que repercutiu consideravelmente em todo o mundo, vários grupos sociais distintos e com as mais

diferentes expectativas sociais ainda se somaram àquele universo, configurando-o como um *locus* de disputas mais ou menos complexas e acirradas.

Nesse particular, devemos frisar que as duas primeiras imagens, de fato, remetem-nos aos traços mais distintivos do consumo, ou seja, ao consumo realizado por agentes providos de um alto volume de capital econômico, seguidos da posse de um volume de capital cultural e simbólico razoavelmente significativo. A terceira e quarta imagens, por sua vez, levam-nos a crer na efetivação de um consumo mais vulgar, já que o contato corporal desordenado se constitui como um traço comportamental que as classes mais privilegiadas tendem, invariavelmente, a repudiar e evitar.

Some-se ainda a esses indicativos o fato de os agentes retratados, especialmente aqueles mostrados na composição fotográfica 3, ocuparem uma posição de acompanhamento das partidas mais compatível com seu volume de capital econômico, já que os ingressos para ver as partidas no salão principal onde se encontravam Fischer e Spassky, justamente por serem extremamente caros, eram reservados a uma determinada clientela. Essa situação nos leva a concluir que os agentes identificados na Imagem 3 estavam sendo movidos pela necessidade tanto de se prover do seu gosto pelo xadrez quanto de se envolver, ainda que segundo os parâmetros de uma condição mais vulgarizada, num evento de singular importância no universo enxadrístico.

Explorada razoavelmente essa economia dos bens simbólicos e dos lucros de distinção tal como retomadas na abordagem sociológica reflexiva de Pierre Bourdieu, convém finalmente passarmos à economia das paixões, dos afetos e das emoções desenvolvida na sociologia configuracional de Norbert Elias.

ELIAS E A MIMESIS SOCIAL

No primeiro volume do livro “O processo civilizador”, o sociólogo alemão Norbert Elias compõe uma rigorosa descrição dos manuais de condutas que foram escritos sobre a sociedade cortês. Destacamos principalmente a análise do tratado de Erasmo de Roterdã, intitulado “Da civilidade pueril” – manual dedicado a um garoto nobre, filho

de príncipe, que foi redigido por Erasmo pensando estritamente na educação de crianças. Para Elias, o referido tratado funcionou como um importante indicador sociológico para a construção de suas teses, já que “nele praticamente reaparecem todas as regras da sociedade cortês. [...] Este tratado é, na verdade, uma coletânea de observações feitas na vida e na sociedade” (ELIAS, 1994a, p. 83).

Mais especificamente, o tratado de Erasmo foi fundamental para o argumento de Elias, por lhe permitir mapear os mais diversos padrões de comportamento social presentes naquela sociedade, os quais, segundo suas observações e anotações empíricas, estavam sendo modificados numa direção muito específica, marcada pelo aumento dos níveis de autocontrole, sensibilidade e repugnância.

Dito de forma sintética, os tratados e manuais de condutas utilizados como fontes empíricas permitiram ao sociólogo demonstrar a transição dos hábitos durante a Renascença, bem como o aumento das pressões exercidas sobre os indivíduos no intuito de que estes se comportassem em conformidade com padrões de comportamento civilizados. Conforme Elias, tais pressões tendiam a transformar, no indivíduo, “a economia das paixões e afetos rumo a uma regulação mais contínua, estável e uniforme dos mesmos, em todas as áreas de conduta, em todos os setores de sua vida” (ELIAS, 1994b, p. 202).

Ainda segundo Elias, tais modificações no comportamento dos indivíduos em direção a um maior autocontrole moldaram progressivamente o curso de suas vidas de modo a se diferenciarem ligeiramente dos padrões antigos de comportamento. Além disso, essa nova “courage social” vinha carregada de um significado: comportar-se segundo as antigas condutas, que agora eram tidas como bárbaro-primitivas poderia comprometer uma melhor inserção do indivíduo na sociedade, bem como seu acesso à distribuição potencial de poder naquela configuração.

É possível verificar a sustentabilidade dessa tese de Elias quando ele, por exemplo, aborda, no segundo volume do estudo, o processo de transformação progressiva dos guerreiros em cortesãos. Conforme consta em seus escritos, a

vida dos guerreiros antes dessa imposição severa às emoções era mais livre, menos regrada, mais exposta às paixões e às tensões cotidianas. Seus sentimentos eram menos controlados e suas ações menos restringidas, sobretudo no que se refere ao uso da força física e da violência. Tinham autonomia para amar, odiar, matar, defender com afincos seus interesses.

Posteriormente, com a ascensão dos principais estados principescos europeus, a crescente monopolização tributária militar e a violência representada pela figura do absolutista, os guerreiros perderam sua autonomia e passaram a depender fortemente do poder centralizado no monarca. Este poder causava medo e, por conseguinte, restrições aos antigos hábitos da classe guerreira, que, nesse sentido, sujeitou-se a um controle mais severo das emoções. Passou, então, a vigorar uma nova regra na vida dos guerreiros: relacionar-se com a corte, controlar as emoções e entrar em um jogo político de interdependência.

Disso podemos inferir que foi exatamente nas teias de interdependência existente na corte que se redimensionaram os hábitos da classe guerreira, já que a referida configuração “[...] é uma espécie de bolsa de valores e, como em toda “boa sociedade”, uma estimativa do “valor” de cada indivíduo está continuamente sendo feita” (ELIAS, 1994b, p. 226). Por isso é que a melhor integração dos guerreiros naquela sociedade dependia do grau de adaptação aos valores e costumes emergentes na vida da corte, bem como do juízo feito pelos demais sobre a natureza e direção de tais ajustes.

Vale observarmos que, para Elias, o processo civilizador não tem um início e um fim passíveis de ser determinados. Esse processo consiste em um curso lento de transformações psicogenéticas e sociogenéticas operadas no sentido de um refinamento das condutas e de monopolização da violência. A propósito, uma das críticas mais comuns dirigidas ao trabalho de Elias é que o processo civilizador europeu, que ele estudou no recorte de espaço e tempo de cinco séculos, já teria se completado. Além disso, o holocausto e as grandes guerras travadas durante o século XX poderiam ser confrontados com sua teoria do processo de civilização, colocando em xeque suas premissas. No entanto,

esse argumento é fruto de uma leitura, da obra de Elias, no mínimo, apressada.

Para refutar essas críticas e impressões, Elias, em parceria com Eric Dunning, passou a estudar os processos civilizatórios esportivos. Para ele, a gênese do esporte moderno é uma das principais evidências de que o processo de civilização que descrevera sobre a Idade Média não estaria encerrado. O autor procura demonstrar esse “impulso civilizador” dos esportes pelo viés da “esportização”, ou seja, da crescente passagem ou, até mesmo, substituição dos jogos antigos e tradicionais pelas práticas esportivas modernas.

Conforme Elias, o processo civilizatório impôs e continua impondo normas às sociedades e aos seus comportamentos, fazendo com que suas emoções sejam reprimidas em tudo aquilo que se julga e se encara como atividade séria da vida. É o que acontece, por exemplo, no trabalho, no ônibus ou no supermercado, onde ninguém em sã consciência tem coragem de “dar um pulo” e um “tamanho grito”. Elias bem adverte que “as pessoas que se agitam demasiado, sob o domínio de sentimentos que não podem controlar, são casos para hospital ou para prisões” (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 69).

Não obstante, o sociólogo ressalva que existem locais, momentos e circunstâncias que permitem liberar uma espécie de “excitação agradável” sem ser necessariamente taxado de louco, anormal, insano. Ele fala de situações como: torcidas no estádio de futebol; indivíduos envolvidos em práticas esportivas, seja como jogadores seja como espectadores; ou ainda (estendendo-se esses elementos para nossa discussão) um grupo de pessoas reunidas em volta de Bobby Fischer ou acompanhando uma partida entre Fischer e Spassky reproduzida em um telão.

Neste sentido, observemos novamente as quatro imagens anteriormente introduzidas. Seria um tanto reducionista de nossa parte pensar que aquela figuração social de torcedores estruturada durante o “*match* do século” em 1972 tenha se construído apenas em função da busca por prestígio social no interior de uma classe, ou então, graças ao movimento de alienação resultante da indústria cultural, que, segundo as impressões de Adorno e Horkheimer, permearia toda ação social e individual referente a eventos esportivos.

Pelo contrário, é importante consideramos também os aspectos miméticos e catárticos do jogo competitivo conforme sugerem Elias e Dunning. Para os autores, quando os indivíduos se encontram em situações de jogo, lhes é permitido vivenciar uma luta sem os tantos perigos físicos que uma batalha real representaria. Trata-se, na realidade, daquilo que eles chamaram de combates miméticos, isto é, “[...] confrontos realizados por meio do jogo num contexto que pode originar uma excitação agradável, desencadeada pelo combate, com o mínimo de ferimentos nos seres humanos” (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 95).

Essas nuances podem ser digeridas mais satisfatoriamente quando reportadas em relação ao contexto histórico-social da Guerra Fria, transferido mimeticamente, se nossa hipótese estiver correta, para o confronto entre Bobby Fischer e Boris Spassky diante do tabuleiro de xadrez. Exploreemos melhor esse argumento.

Antes mesmo de se realizar, em 1972, o “*match* do século”, os Estados Unidos e a União Soviética já disputavam uma longa “partida de xadrez” que se iniciara após a Segunda Guerra Mundial. Essa “partida”, que aqui chamamos de Guerra Fria, tornou-se possível por meio de uma série de movimentos, cada um deles dotado de significância histórica e, por isso, crucial para a compreensão das demandas sociais que teriam posto em contraposição a URSS e os EUA, num confronto que não chegou aos campos de batalha, ou melhor, que nem chegou a se delinear diretamente neles.

O historiador Paul Kennedy (1991) fornece uma possível conjuntura explicativa para entender o que teria colocado em movimento a chamada Guerra Fria. Para tanto, segundo este autor, é oportuno pensar em uma série de eventos e fatores que vinham se desenhando nas políticas internas dos Estados Unidos e da União Soviética, assim como na ordem global anterior. Para o autor, durante o período da Segunda Guerra Mundial, as diferenças de princípios políticos e ideológicos já existentes entre os Estados Unidos e a União Soviética foram provisoriamente deixadas de lado ante a necessidade de unir forças para combater o nazismo e o fascismo, então em ascensão (KENNEDY, 1991, p. 355).

Com o fim da Segunda Guerra e a vitória dos Aliados (Estados Unidos, Grã-Bretanha e

União Soviética), essas divergências políticas, econômicas, culturais e ideológicas foram trazidas à cena sob o viés do que ficou conhecido como Guerra Fria. Bem na verdade, a visão de harmonia, liberdade e paz mundial visada pelos Estados Unidos com o fim da Segunda Guerra ainda era comprometida pelo regime soviético.

Mais especificamente, algumas posturas soviéticas desagradavam aos Estados Unidos, tais como: a eliminação da democracia na Polônia e na Tchecoslováquia; o desejo da elite soviética de isolar seus países satélites e seu povo das ideias e “riquezas” do Ocidente; enfim a resistência soviética à influência norte-americana, suscitada pela intensificação do papel da ideologia naquele bloco (KENNEDY, 1991, p. 349).

Eric Hobsbawm (1995) também estudou a problemática da Guerra Fria. Em seu clássico texto “A era dos extremos”, o autor defende que esse período, que vai desde o lançamento das bombas atômicas até a queda da URSS, não representou um período homogêneo, único e linear na história. Hobsbawm apresenta alguns norteios importantes: o primeiro deles é a existência de, no mínimo, duas fases para a referida guerra; a primeira Guerra Fria, que transcorreu até aproximadamente 1970, e a segunda Guerra Fria, de 1970 até a queda do muro de Berlim e a fragmentação da União Soviética.

Mais um ponto enfatizado pelo autor é que a Guerra Fria possivelmente não se originou na Europa, mas nos Estados Unidos, em função do temor do governo norte-americano quanto a uma possível expansão socialista pela Europa Central e outras regiões. Outro aspecto que Hobsbawm aborda diz respeito ao constante estudo e atenção que uma potência exercia sobre a outra, sem a qual se inviabilizava o jogo da corrida armamentista, tecnológica, científica, ideológica e outras (HOBSBAWM, 1995).

Diante de tal conjuntura explicitada pelos autores, podemos entrever que durante a Guerra Fria os Estados Unidos e a União Soviética formaram aquilo que Elias chamou de interdependência funcional, isto é, uma configuração em que “[...] os movimentos de um grupo determinam os movimentos do outro grupo e vice-versa” (ELIAS, 1970, p. 83). Um lance capaz de ilustrar essa estrutura de

dependência mútua foi, por exemplo, a retirada, em 1962, dos mísseis norte-americanos localizados na Turquia e, em resposta, a desativação dos mísseis soviéticos instalados na Cuba de Fidel Castro no mesmo ano (HOBSBAWM, 1995, p. 227).

Por conta desse cenário social, o “*match* do século” pode ser encarado como um confronto mimético, uma disputa revestida de toda uma indumentária simbólica que, possivelmente, gerou nos torcedores/espectadores uma considerável carga de excitação, provocada pelo quadro imaginário de uma guerra entre dois extremos, a qual não se realizou em campos de batalha real, mas sim, em palcos alternativos. Dito de outro modo, o “*match* do século” se caracterizou, de fato, como uma guerra protagonizada num tabuleiro de xadrez, ou melhor, um capítulo de uma guerra, já que o embate entre capitalistas e socialistas também abrangera os demais esportes, além de outros setores da vida social.

CONSIDERAÇÕES PARA O FECHAMENTO

O argumento central que nos orientou na discussão brevemente ensaiada neste artigo se constituiu a partir da possibilidade de desenvolvermos uma problematização sociológica sobre alguns fatores e pressões sociais inerentes à constituição objetiva de uma figuração social de torcedores durante o *match* final do campeonato mundial de xadrez disputada em Reykjavik, na Islândia, entre os meses de julho e setembro de 1972. Mais precisamente, o argumento que procuramos sugerir durante a construção do texto, ainda que implicitamente, é que a procura dos agentes por determinadas práticas esportivas, especialmente pelos eventos esportivos de “destaque” e de potencial “visibilidade”, não se dá por acaso, mas se constrói socialmente, a partir de alguns fatores e critérios que não podem ser compreendidos em si mesmos e por si mesmos, ou seja, que não podem ser devidamente apreendidos e entendidos sem o amparo e a sustentação de referenciais teórico-metodológicos e analíticos.

Armados desse saber, o que procuramos fazer, dentro de nossos limites, foi recuperar algumas contribuições teóricas de autores consagrados da sociologia que retomaram, em

maior ou menor grau de aprofundamento, o fenômeno esportivo como objeto de suas discussões e como parte de seus projetos ambiciosos de compreensão da sociedade. Neste artigo resolvemos nos debruçar, mais especificamente, sobre as argumentações de Veblen, Adorno e Horkheimer, Bourdieu e, por fim, de Elias e Dunning, de modo a recompor e sistematizarmos, a partir dos principais textos onde esses autores trataram do esporte e do lazer, algumas categorias e noções sociológicas que, visivelmente, articulam-se – ou de fato explicam – os próprios “fatores” e “pressões sociais” inerentes à constituição de uma figuração de torcedores durante o “*match do século*” em 1972, que pudemos descrever no decorrer do texto e, de certa forma, explorar.

Dito de forma bastante sintética, a articulação dessas categorias e desse conjunto de noções à problematização de alguns fatores e pressões sociais inerentes à conformação estrutural de uma figuração de torcedores/espectadores envolvidos objetivamente na final do campeonato mundial de xadrez de 1972 foram recompostas nesse artigo da seguinte forma:

1. A partir do consumo conspícuo em Veblen, recuperamos a busca pelo prestígio no interior das classes abastadas como um dos potenciais fatores que levam os indivíduos a se envolverem nas práticas esportivas;
2. Tendo por referência a noção de indústria cultural de Adorno e Horkheimer, extraímos o sentido de alienação e obediência que as práticas e eventos esportivos podem engendrar na sociedade;
3. Com base na reconstrução da temática do gosto em Bourdieu, apontamos a distinção social e a disputa por capitais simbólicos como fatores motivacionais no consumo e prática de esportes;
4. A partir da categoria de *mimesis* e catarse, entendemos a busca pelas emoções como critério classificador do lugar de destaque, evidência e popularidade que o fenômeno esportivo logra alcançar entre os mais distintos segmentos sociais.

Amparados, portanto, nesse conjunto de noções e categorias, bem como na própria leitura do universo empírico em questão, chegamos a algumas conclusões, que de modo algum são

definitivas e, além disso, serão retomadas com maior grau de acuidade em oportunidades futuras. Assim, em Veblen pudemos perceber que a participação dos estratos sociais mais elevados da sociedade islandesa nas partidas disputadas no chamado “*match do século*” e, especialmente, no cerimonial de abertura do evento, manifestava, no fundo, o desejo desses grupos de patentear sua riqueza aos olhos dos outros e angariar prestígio para si mesmos. De certo modo, essa economia da distinção social também foi confirmada pelos pressupostos teórico-conceituais *bourdieusianos*, embora com algumas ressalvas.

Para Bourdieu, o gosto, enquanto propriedade definida inconscientemente em relação à determinada condição de classe, expressa a dinamicidade dos agentes diante das estruturas sociais. Seja o gosto distintivo ou vulgar, por ostentação ou por necessidade, de forma alguma os agentes são passivos, o que, no entanto, não significa que devamos encarar esses mesmos agentes como calculadores racionais, especialmente se pensarmos que o gosto de classe corresponde à incorporação de um *habitus*, ou seja, de uma estrutura programada para um fim, mas sem ser necessariamente dirigida para esse fim.

Por sua vez, o consumo mais vulgarizado constitui-se como uma entrada bastante promissora para problematizar os efeitos supostamente alienantes pertinentes à ação da indústria cultural. Conforme vimos anteriormente, o gosto vulgarizado, para Bourdieu, está relacionado àquele consumo mais banal e de fácil acesso, ao passo que a indústria cultural, para Adorno e Horkheimer, consolida-se como um processo que tende, primeiramente, a alienar as massas segundo os valores e signos imediatistas do sistema cultural capitalista para, em seguida, conduzi-las homogeneamente à obediência.

Em Elias e Dunning, novamente os indivíduos foram trazidos ao cerne do debate. A propósito, seria muito ingênuo descartar o elemento da excitação e da *mimesis* na vida dos espectadores/torcedores reunidos em torno do “*match do século*”. Dito de outro modo, seria comprometedor rejeitar a incessante busca dos indivíduos por uma economia emocional nos esportes. Além disso, é necessário considerar o imperativo de que o “*match do século*”, de fato,

caracterizou-se como um confronto mimético e que, possivelmente, gerou nos espectadores/torcedores uma considerável carga de excitação, fornecida pelo quadro imaginário de uma guerra transferida mimeticamente para aquele microcosmo.

À guisa de fechamento, convém frisarmos que os fatores e pressões sociais que potencialmente explicam a construção social de uma figuração de torcedores em torno do "match do século" não puderam ser aqui explorados em sua totalidade, nem era essa a nossa pretensão; porém cremos ter dado um passo importante para que em momentos mais

oportunos possamos recompor, de maneira mais ampla, as redes de interdependência social construídas durante o "match do século" de 1972. Quanto à maior ou menor pertinência ou adequação de cada um dos modelos teóricos que, tendo-se como mediador o esporte, aqui foram rapidamente evocados para explicar as relações entre o indivíduo e a sociedade, deixamos para o leitor a elaboração de suas próprias conclusões - afinal, essa é uma resposta que oscila conforme a especificidade dos problemas de pesquisa e dos universos empíricos visitados.

FACTORS AND SOCIAL PRESSURES ATTACHED TO THE CONSTRUCTION OF A CROWD FIGURATION DURING DE "MATCH OF THE CENTURY" IN 1972 – SOME NOTES AND SOCIOLOGICAL TOURS

ABSTRACT

What factors and social pressures pervade the construction of a picture of fans at a sporting event? This is the central concern that motivates us to develop this text, and also urges us to walk through the historical and sociological lines that defined the course of the game of chess on the sports field. In an attempt to make intelligible this problem, as delimited universe empirical analysis of the final meeting of the world chess championship 1972 held in the context of the Cold War and what became known as "match of the century." In order to support the discussion fostered here, we sought, first, to rescue images of viewers during the "match of the century" and then carry out a sociological reading of the social scene depicted therein, in light of the theoretical contributions by renowned authors of sociology and have reserved a space for meaningful discussion of the phenomenon of sports in their works.

Keywords: Match of the century. Supporters' figuration. Sociology.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. A indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas. In: _____. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. p. 113-156.

BJELICA, D. **Reyes del ajedrez**: Bobby Fischer. Madrid: Zugarto Ediciones, 1992.

BOURDIEU, P. A metamorfose dos gostos. In: _____. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983a. p. 127-135.

BOURDIEU, P. Como é possível ser esportivo? In: _____. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983b. p. 136-153.

BOURDIEU, P. Programa para uma Sociologia do Esporte. In: _____. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990. p. 207-220.

BOURDIEU, P. **Un arte médio**: ensayos sobre los usos sociales de la fotografía. Barcelona: Gustavo Gili, 2003a.

BOURDIEU, P. Esboço de uma teoria da prática. In: ORTIZ, R. (Org.). **A sociologia de Pierre Bourdieu**. São Paulo: Olho d'Água, 2003b. p. 39-72.

BOURDIEU, P. Gostos de classe e estilos de vida. In: ORTIZ, R. (Org.). **A sociologia de Pierre Bourdieu**. São Paulo: Olho d'Água, 2003c. p. 73-111.

BOURDIEU, P. **A distinção**: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007a.

BOURDIEU, P. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. 8. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2007b.

ELIAS, N. **Introdução a Sociologia**. Lisboa: Edições 70, 1970.

ELIAS N. **O processo civilizador**: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Zahar, 1994a.

ELIAS N. **O processo civilizador**: formação do estado e civilização. Rio de Janeiro: Zahar, 1994b.

ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

GEBARA, A. VEBLEN, Adorno e as bicicletas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA, ESPORTE, LAZER E DANÇA, 8., 2002, Ponta Grossa. **Anais...** Ponta Grossa: Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2002. v. 1, p. 1-6.

GONZÁLEZ, J. M. **Yahora "Bobby Fischer Campeón del mundo"**: Edición especial de la Revista Jaque. Madrid: 1972.

HOBBSAWM, E. **A era dos extremos**: o breve século XX: 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KENNEDY, P. **Ascensão e queda das grandes**

potências: transformação econômica e conflito militar de 1500 a 2000. Rio de Janeiro: Campus, 1991.

ORTIZ, R. **A sociologia de Pierre Bourdieu**. São Paulo: Olho d'Água, 2003.

VEBLEN, T. B. **A teoria da classe ociosa**: um estudo econômico das instituições. São Paulo: Pioneira, 1965.

Recebido em 20/11/2009

Revisado em 22/09/2010

Aceito em 12/10/2010

Endereço para correspondência: Juliano de Souza. Rua José Zagonel Passos, 460, Vila Bela, CEP – 85027-110, Guarapuava-PR, Brasil. E-mail: julianoedf@yahoo.com.br